

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AVANÇOS E BARREIRAS

Elison Jefferson Silva Crispim

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Campus: Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM

elison.j_12@hotmail.com

Deys Danniely de Lima Oliveira Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Campus: Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM

deys_danniely@hotmail.com

Resumo: Atualmente se discute a temática inclusão cada vez mais, expondo a sua importância que a mesma aconteça no âmbito escolar. Vários autores se dedicam a pesquisar, buscar mecanismos e criar teorias para que a inclusão aconteça. O presente trabalho tem como objetivo analisar a inclusão dos alunos nas aulas de Educação Física em uma Escola Estadual do Município Doutor Severiano/RN. A pesquisa se trata de uma pesquisa qualitativa e para coleta de informações utilizamos de uma entrevista semiestruturada com a diretora da escola e com o professor. Também observamos a aula do professor entrevistado. No artigo, faremos uma breve revisão e discussão sobre o tema, essa abordada em três capítulos: Inclusão escolar; A inclusão: deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e superdotação; A inclusão nas aulas de Educação Física. Como resultado verificou-se que a instituição e o professor de Educação Física buscam a educação inclusiva, todavia ainda existem barreiras a serem enfrentadas. Uma delas é a não concretização das políticas públicas para inclusão, dificultando assim o processo de todos serem incluídos e pertencentes ao ambiente escolar. Concluímos que para a inclusão seja uma realidade, será necessário rever uma série de barreiras, além de políticas e práticas pedagógicas. É necessário conhecer o desenvolvimento humano e suas relações com o processo de ensino aprendizagem, levando em conta como se dá este processo para cada aluno. Devemos utilizar novas tecnologias e investir em capacitação, atualização, sensibilização, envolvendo toda comunidade escolar, objetivando uma transformação no sistema de ensino que venha beneficiar todo e qualquer aluno.

Palavras-Chave: Inclusão; Âmbito Escolar; Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente se discute a temática inclusão cada vez mais, expondo a suma importância que a mesma aconteça no âmbito escolar. Vários autores se dedicam a pesquisar, buscar mecanismo e criar teorias para que a inclusão aconteça.

Segundo, Mitller (2003, p. 326) discorre sobre o tema em questão expondo que:

A inclusão diz respeito a todos os alunos, e não somente a alguns. Ela envolve uma mudança de cultura e de organização da escola pra assegurar o acesso e participação para todos os alunos que frequentam regularmente e para aqueles que agora estão em serviço segregado, mas que podem retornar à escola em algum momento no futuro.

Assim sendo, todos os alunos presente nas escolas devem ser incluídos independente de qualquer característica. Logo, as instituições de ensino, coordenadores de escola e professores precisam criar ambientes onde todos possam participar da construção do conhecimento.

Segundo nessa linha de pensamento, nos perguntamos se aulas de Educação Física estão sendo inclusivas. Sabemos que a disciplina passou por um período de seleção dos indivíduos mais habilidosos, assim, excluindo os que não possuíam altos níveis de habilidades. Todavia, área passou por mudanças profundas, mesmo assim é preciso investigar a mesma para saber se todos os sujeitos desfrutam da cultura corporal do movimento de forma igualitária e assim se sintam pertencentes e valorizados nas aulas da disciplina.

Dessa forma, o presente objetivo é analisar a inclusão dos alunos nas aulas de Educação Física em uma Escola Estadual do Município Doutor Severiano/RN.

Me diante o exposto, o trabalho se justifica pelo fato que ele apresentará a realidade das aulas de Educação Física em uma instituição de ensino específica, mas que nos levará a refletir sobre o tema e servirá de incentivo para que outras pesquisas aconteçam e que sempre se discutam mecanismo de inclusão.

2. METODOLOGIA

O presente artigo trata de uma pesquisa qualitativa, Para Minayo (2001, p.14):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.

Para coleta de informações optamos pela realização de entrevista semiestruturada, por considerar que permite uma organização dos questionamentos, ao mesmo tempo em que pode ser ampliada à medida que as informações vão sendo fornecidas e também a observação de duas aulas de Educação Física. Participaram da pesquisa a diretora e o professor de Educação Física de uma instituição de ensino do Município Doutor Severiano- RN. Ressaltamos que uma observação ocorreu também na mesma instituição de ensino e na aula do mesmo professor entrevistado.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 INCLUSÃO ESCOLAR

A inclusão educacional deve ser encarada como uma necessidade urgente e que deve ser sempre presente nas escolas. Drago (2011) informa que a proposta de uma educação inclusiva não se limita a matricular o sujeito na instituição de ensino, a escola deve transformar suas práticas para o reconhecimento e valorização de todas as diferenças que contribuiriam para um novo modo de organização do sistema educacional.

Drago (2014, p.19) diz o seguinte sobre a inclusão:

Entender que a inclusão é uma barreira que precisa ser transposta, que métodos e técnicas de ensino precisam ser revisto e que o ensino coletivo pode ser um caminho interessante para o sucesso da inclusão, são possibilidades para que o processo inclusivo deixe de ser algo apregoado pela legislação e passe a ser parte do dia a dia escolar e social das pessoas que hoje ainda estão fora da escola, ou, estão na escola, mas ainda não fazem parte dela como sujeitos ativos, como consta na história da educação especial.

Continuando com o pressuposto, Brasil (2008) evidencia que a inclusão é uma ação política, social, cultural e pedagógica em defesa de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. O mesmo ainda fala que existe a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a escola inclusiva assume um papel extremamente importante no debate acerca da sociedade e da função da escola acerca da lógica da exclusão.

Logo, a escola e seu corpo pedagógico devem pensar ações e práticas onde todos os alunos sejam incluídos, independente de características ou alguma deficiência física ou cognitiva. Todos devem participar das aulas e ações realizadas na escola.

É sabido que não é tarefa fácil a inclusão de todos os alunos, mas é tarefa obrigatória e necessária. Como diz Freire (2008) é preciso convicção que a mudança é possível, deste modo devemos buscar os conhecimentos necessários para o enfrentamento aos obstáculos e para que a ação pedagógica seja transformadora e inclusiva.

3.2 A INCLUSÃO: DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E SUPERDOTAÇÃO.

No contexto atual encontramos presente nas escolas, creches ou instituições de ensino superior pessoas com deficiências diversas, transtornos globais do desenvolvimento e também pessoas com superdotação. E esses indivíduos devem ser incluídos nas aulas independente de qualquer dificuldade, limitação ou alta habilidade.

Brasil (2008, p. 14) expõe sobre a Política Nacional de Educação Especial o seguinte:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Desta maneira fica claro que é objetivo assegurar a inclusão de todos no ensino regular, resta saber se o que está protocolado no documento realmente acontece. Sobre as deficiências Brasil (2010, p. 21) as descreve:

Consideram-se alunos com deficiências àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem restringir sua participação plena e efetiva na escola e sociedade.

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividade restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil.

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Continuando vale ressaltar que a inclusão dessas pessoas é uma tarefa complexa e exige muito esforço dos profissionais da educação. Glat *et al.* (2011) relata que categorizar um grupo de indivíduos que apresentam determinadas características físicas e/ou comportamentais não é suficiente para determinar quais interações sociais que os sujeitos poderão estabelecer, as suas dificuldades ou limitações para executar uma tarefa, não são exatamente os principais obstáculos a ser enfrentado. Tudo depende dos contextos socioculturais em que os sujeitos estão inseridos, dos estímulos aos quais tem contato, bem como do tipo de oportunidades e recursos a eles disponibilizados.

Portanto, a inclusão de indivíduos com essas características não é uma tarefa fácil, entretanto é um objetivo que deve ser buscado mediante estratégias pedagógicas para que seja alcançado.

3.3 A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

A Educação Física ao longo de sua história passou por diversas mudanças. Na sua gênese a mesma foi influenciada por tendências que faziam a área ser exclusiva, tendências essas como a militarista e competitivista. Ghiraldelli Junior (1998) mapeia e descrevem essas tendências, a militarista buscava a formação de indivíduos para servir a nação, logo excluindo indivíduos que não formavam a “juventude forte” para defender a nação, como os deficientes

e mulheres. A competitivista por sua vez selecionava os indivíduos mais habilidosos para os esportes e excluía os que não possuíam habilidades mais apuradas.

Todavia, a disciplina passou por profundas mudanças e vários autores se dedicaram a construir abordagens que abordassem a Educação Física não mais seletiva e sim inclusiva. Brasil (1998, p. 19) no renomado documento Parâmetros Curriculares Nacionais, Educação Física, pondera:

A sistematização de objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico da área de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência.

Prosseguindo, Aguiar e Duarte (2005) fala sobre o princípio da inclusão exposto por Brasil (1998), segundo eles com o princípio da inclusão a Educação Física escolar deve ter como eixo fundamental o aluno, assim, tem que desenvolver as competências de todos os alunos e dar aos mesmos condições para que tenham contato aos conteúdos que propõe, com participação plena, adotando estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação.

Acerca da temática, Oliveira (2002) destaca que o professor não pode dispensar a oportunidade dos alunos com necessidades especiais participar das aulas, porque mesmo o aluno sendo deficiente físico, mental, auditivo, visual, múltiplas e até mesmo apresentando condutas atípicas (que são os portadores de síndromes, quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos) eles têm necessidades de fazer atividades que desenvolva a sua relação social, motora e afetiva.

Por fim, Silva (2006) diz que inclusão expõe transformações nos ambientes físicos e na mentalidade das pessoas. Logo, mas um desafio a Educação Física, desafio esse que está à frente e deve ser superado pelo professor. Portanto, inclusão é um processo difícil, mas a busca deve ser contínua, pois a educação é direito de todos.

4. RESULTADOS E DISCURSÕES

Por condições ética não citaremos o nome da diretora participante do pesquisa, do professor de Educação Física e da instituição de ensino. Logo, nos referíamos aos mesmo como diretora, professor e instituição de ensino do Município de Doutor Severiano/RN.

Sabemos que a educação é o alicerce para o desenvolvimento de qualquer cidadão e que incluir o aluno com necessidades educacionais especiais, é também, uma forma de respeitá-lo e garantir a possibilidade de seu crescimento. Logo descobrimos que a instituição de ensino e o professor entendem tal necessidade e sua importância e buscam a inclusão de todos os alunos. A diretora da instituição ressalta que o Projeto Político Pedagógica da instituição contempla a inclusão, mas na prática se encontra barreiras, durante a entrevista a mesma ressaltou algumas barreiras.

Eles assistem aula normal, certo. Nós temos, claro uma dificuldade de lidar com essas diferenças, essas adversidades, por quê? Porque nós também não temos uma formação, os nossos profissionais não tem essa formação para tratar de cada problema, agente sabe que por exemplo, que para lhe dá com uma criança com problema cognitivo é de um jeito, uma que tem deficiência física é de outro, quer dizer cada especificidade merecia um atendimento específico a sua necessidade, só que agente sabe que Escola do Estado, que dependo do governo né, é um professor só, quer dizer um formado em pedagogia, alguns tem psicopedagogia, mas não dá para atender realmente como deveria ser, agente sente essa falha quanto na educação [...] (DIRETORA).

Assim, podemos ressaltar que problemas como esse, de um professor especializado deve ser sanado por políticas públicas que façam com que exista um professor especializado em sala de aula para colaboração do professor da disciplina.

Continuando, perguntado se existem alunos com necessidades especiais, a diretora afirma que sim e que só pode afirmar isso com o laudo. E existe laudo de algumas crianças. O professor por sua vez não confirmou, pois ele diz ainda não ter acesso aos laudos, mas que ele percebeu sim alunos com dificuldades cognitivas.

É preciso saber se existem alunos com necessidades educativas especiais e mais do que isso procurar conhecer a sua realidade. Glat *et al.* (2011) relata que categorizar um grupo de indivíduos que apresentam determinadas características físicas e/ou comportamentais não é suficiente para determinar quais aprendizagens os sujeitos necessitam mais e quais suas maiores dificuldades. Desta maneira é preciso não só categorizar, mas conhecer o contexto em o aluno vive. Uma tarefa complexa, necessária e importantíssima.

Prosseguindo, diante da resposta do professor, perguntamos se os alunos que ele percebe com dificuldade de aprendizagem e atenção são incluindo nas aulas o mesmo respondeu o seguinte:

Sim. É felizmente devido ser uma escola de turma não muito numerosa, torna possível, não que com as turmas numerosas não seja possível, por que também é, só que isso facilita o trabalho do professor pra fazer com que aquele, [aquele] aluno que tem essa dificuldade ou ainda essa especialidade ele seja não apenas, que ele seja integrado e incluído dentro da aula, ou seja, que ele participe, que ele disfrute, que ele consiga ... [pausa], que ele consiga o aprendizado necessário possibilitado por aquela atividade que está sendo desenvolvida, ou pelo conteúdo (PROFESSOR).

É valorizado aqui a resposta do professor por perceber a inclusão não apenas como o fato de o aluno está em sala de aula, mas que ele participe da aula para conseguir o necessário aprendizado. Corroborando Drago (2011) informa que a proposta de uma educação inclusiva não se limita a matricular o sujeito na instituição de ensino, o aluno deve participar das práticas educacionais da instituição de ensino para que assim ele possa se desenvolver.

Sobre acessibilidade a diretora ressalta que a escola tem acessibilidade, em contrapartida o professor ressalta que a escola ainda falta se adequar de fato para ser acessível. O professor da como exemplo a largura das portas da sala de aula que não é adaptada para a entrada de um cadeirante por ser numa largura insuficiente. Brasil (2008, p. 14) expõe sobre a Política Nacional de Educação Especial e fala que acessibilidade é uma garantia, todavia isso não está acontecendo na instituição.

Perguntado sobre se existe dificuldade para inclusão o professor responde:

As dificuldades elas são muitas. Vou falar não apenas pela escola que eu trabalho agora, mas por experiências que já tive trabalhando também com outros alunos com essas dificuldades. Elas são muitas, primeiro necessitasse muito de um planejamento bem feito, você tem que conhecer muito seu aluno, seu alunado na verdade, por que são muitos os riscos, quando se trabalha com esse público você tem que saber o que você quer passar pra ele, como passar muito bem definido, não pode em hipótese alguma pensar apenas naquele aluno que tem essa dificuldade, por que os outros também tem a.. precisam do conhecimento, e o conhecimento dele não pode ser atrasado por que você foi adaptar a atividade, certo? Então que adaptação que ela ocorra de forma a incluir aquele que tem essa dificuldade, mas que essa adaptação não venha tirar também o ... [pausa] ..[como posso definir?] mas que não venha atrapalhar a aprendizagem dos demais alunos, certo? Então, como estratégia pra isso é sempre bom ter-se um plano de aula com outros planos acoplados a ele, plano A, plano B, isso pensando na turma como um todo, todos os alunos, certo? (PROFESSOR).

Duarte (2005) fala que todos devem ser incluídos, assim o professor deve planejar propostas para que todos participem efetivamente da aula e assim criar um ambiente de aprendizagem favorável a todos.

Próximo ao fim da entrevista com o professor, questionamos sobre formação, perguntamos se a sua graduação o capacitou para o trabalho com crianças com necessidades especiais. O mesmo ressaltou que a graduação da uma contribuição, mas não o necessário. Logo surge o interesse de saber se o professor vem se capacitando para atender esses alunos.

O que facilitou muito minha vida antes de vim trabalhar na escola como ser, foi à participação em vários programas sociais voltados pra esse público, pra crianças com necessidades especiais diversas. Devido tanta dificuldade para trabalhar principalmente no início, eu sempre busquei tá sempre estudando, vendo as teorias, o que dizem tá tentando fazer isso na prática sempre. Particpei de alguns cursos, de algumas formações incentivadas, oferecidas pelos próprios programas sociais que eu trabalhava como por exemplos os programas da assistência social que são: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, PASF, um programa de apoio sócio familiar que ajudava muito a oferecer...oferecia muito essas formações, então nesse tipo de conversas, nessas palestras e ainda fazendo uso do material oferecido e de algumas teorias também ficou bem mais fácil pra hoje, não apenas se trabalhar, mas tá se percebendo o quê que o aluno precisa e pra tentar sanar essa necessidade dele (PROFESSOR).

O trabalho do professor sempre exigirá uma formação continuada, pois durante a carreira docente sempre existirá novas situação e dificuldade com difícil resolução, assim é preciso se preparar para enfrentar as adversidades. Lorenzini et al (2010, p.148) afirma que “ com o conceito de formação continuada, percebemos que toda preparação acumula despreparo, toda formatura pressupõe inconclusão, todo término inicia uma continuidade”.

Por fim, pós entrevistas, foi observado duas aulas de Educação Física do professor no 5º Ano. O tema abordado era lutas. Os alunos participaram de uma aula prática com jogos de oposição.

Durante a aula observou que a mesma foi bastante atrativa e buscou-se a inclusão de todos os alunos. No seu início alguns alunos ficaram envergonhado e tentaram se omitir da aula, enquanto outros sorriam e esperavam sua vez ansiosamente para fazer parte de uma atividade de luta. No decorrer da mesma foi percebido que o professor buscou com diferentes estratégias fazer com que todos participam-se, em alguns momentos alguns se auto excluía, mas depois com uma mudança de atividade retornam a cena principal que era o tatame colocado no chão da sala.

Portanto, a inclusão foi a todo o momento requisitada e o professor buscou estratégias para atender e de fato durante as duas aulas observadas, a inclusão foi atendida e vivida de uma forma espontânea e alegre.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a instituição de ensino pesquisada, busca a educação inclusiva, todavia ainda existem barreiras a ser enfrentadas. Uma delas que se apresentou foi a não concretização das Políticas Públicas, algo indesejado e não condizente com as necessidades. Assim, é preciso mudanças concretas e a efetivação das políticas públicas para a inclusão ocorrer em sua essência.

Portanto as mudanças são fundamentais para inclusão, mas exige esforço de todos possibilitando que a escola possa ser vista como um ambiente de construção de conhecimento, deixando de existir a discriminação de idade e capacidade. Para isso, a educação deverá ter um caráter amplo, complexo, favorecendo a construção ao longo da vida, oportunizando adequadas experiências para o desenvolvimento das potencialidades do aluno.

Assim, para que a inclusão seja uma realidade, será necessário rever uma série de barreiras, além de políticas e práticas pedagógicas. É necessário conhecer o desenvolvimento humano e suas relações com o processo de ensino aprendizagem, levando em conta como se dá este processo para cada aluno. Devemos utilizar novas tecnologias e investir em capacitação, atualização, sensibilização, envolvendo toda comunidade escolar objetivando uma transformação no sistema de ensino que venha beneficiar todo e qualquer aluno.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Marília, V. 11, n.2. p.223-240. Maio – Agosto, 2005

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Equipe da Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília: MEC, 2008.

_____. **Marcos políticos e legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2010.

DRAGO, R. **Inclusão na educação infantil**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

_____. Em busca da inclusão. In: DRAGO, R. (Org.). **Transtornos do desenvolvimento e deficiência: inclusão e escolarização**. Wak Editora, Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37ª Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2008.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação física progressista**. 7ª Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GLAT, R. et al. **Inclusão de pessoas com deficiência e outras necessidades especiais na escola e no trabalho**. Rio de Janeiro: Altadena Comunicação, 2011.

LORENZINI et al. Programa de formação continuada em educação física: sujeitos, processos e produtos. In: TERRA, D. V.; JUNIOR, M. S. (Org). **Formação em educação física & ciências do esporte**. São Paulo/Goiânia: Hucitec, 2010.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, G. N. O deficiente físico na educação física escolar: uma proposta de inclusão. In: X EnFEFE – Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Lazer e Educação Física Escolar. **Anais**. Niterói – Rj. Universidade Federal Fluminense, 2006. Disponível em: < <http://cev.org.br/biblioteca/o-deficiente-fisico-educacao-fisica-escolar-uma-proposta-inclusao/> >. Acesso em: 19 de Maio de 2016.